

## SIMPÓSIO AT020

### O PODER/SABER DIZER SOBRE A LÍNGUA/LITERATURA DE VIAJANTES E MISSIONÁRIOS: LEITURAS DO ESCRITOR-LITERATO

SILVEIRA, Wellington Marques da  
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)  
wellington.unemat-letras@hotmail.com

MALUF-SOUZA, Olimpia  
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)  
olimpiamaluf@gmail.com

**Resumo:** O desenvolvimento das ciências (séculos XVIII e XIX) funcionou como pano de fundo das viagens ultramarinas europeias que produziram, nas colônias, formas de colonização baseadas na imposição-circulação de saberes científicos pela cartografia de espécies de plantas e animais, bem como de inúmeras doenças contagiosas, presentes nos países do ocidente. Os registros dessas atividades encontram-se reunidos no rol de textos que compõem a literatura de viajantes, ou seja, a formação da literatura/língua brasileira. Com base nas pesquisas do projeto *História das Ideias Linguísticas*, em interlocução com a Análise de Discurso, propomo-nos à compreensão do processo de elaboração de textos teórico-literários brasileiros, tomando em análise a construção do poder-saber dizer sobre a língua/literatura de viajantes, na/pela obra *História da Literatura Brasileira* (1915), produzida pelo literato e jornalista José Veríssimo Dias de Matos. Compreendemos que, para pensar nas relações que o escritor encerra com as descrições reunidas na seção sobre a *literatura de viajantes*, é necessário observar, de antemão, que sua forma de escrever a história da literatura resultará de efeitos de sentido sobre a maneira como o literato legitima um conhecimento teórico-científico sobre a língua/literatura, em virtude de estar inscrito como um sujeito autorizado, pelo Estado e suas instituições, a representar o saber sobre a língua/a formação do texto literário.

**Palavras-chave:** Língua/Literatura; Escritor Literato; Viajantes e Missionários.

**Abstract:** The development of the sciences, in the colonies, in the colonies, in the forms of colonization, in the imposition, the circulation of knowledge, the scientists in the cartography of species of plants and animals, as well as of two contagious diseases, present in the countries of the West. The records of these activities are gathered in the list of texts that compose travelers literature, that is, the formation of literature / Brazilian language. Based on the researches of the project History of Linguistic Ideas, in interlocution with Discourse Analysis, a proposal for the comprehension of the process of elaboration of Brazilian theoretical-literary texts, in an analysis about the construction of power-knowledge about a language / literature of travelers, in the work *História da Literatura Brasileira* (1915), production by writer and journalist José Veríssimo Dias de Matos. We understand that in order to think about

the relations that we can conclude with the descriptions about the stories about the trip, it is necessary to observe, in advance, that the way to write a history of Literature results in a sense of how the literate legitimates a theoretical- scientific knowledge about a language / literature, by virtue of being registered as an authorized subject, by the State and its statistics, namely the knowledge about a language / a literary text formation.

**Keywords:** Language / Literature; Literature writer; Travelers and Missionaries.

## Introdução

As questões sobre a produção-circulação do *saber* sempre nos ocuparam, sobretudo nos trabalhos que realizamos sobre a construção da literatura de informação/formação (literatura de viajantes), quando problematizamos a produção dos saberes sobre o Brasil, nos/pelos discursos colonial e científico, nos/pelos processos de controle/colonização exercidos sobre a língua e o sujeito nacional, pelo europeu.

Foucault (2013) explica que o saber se define como aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva determinada, de maneira específica, em que o sujeito é autorizado, legitimado, a falar/escrever sobre objetos de que se ocupam seus dizeres. Em outras palavras, o autor nos ensina que o saber é uma construção histórica, marcado por verdades que se instalam e sustentam as práticas discursivas.

Nessa direção, o saber compreende as formas de conhecimento construídas por efeitos de veracidade, que tendem a estabilizar determinados sentidos e refutar outros que não pertencem aos seus domínios/campos. Ao nos referirmos à construção do saber, não devemos, contudo, articulá-lo tão somente à consolidação do conhecimento científico, metódico, sistêmico, visto ser esse apenas uma forma de funcionamento do saber.

De todo modo, o saber, quer científico ou não, opera para/por sujeitos sempre mediado pelo poder. Compreender como o saber se organiza no texto teórico-literário é refletir a respeito das formas com as quais o conhecimento sobre a língua/literatura se faz e sua relação com o poder, isto é, com as políticas de circulação/interdição de sentidos no corpo social, pois “[...] não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber

que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder” (FOUCAULT, 2010, p.30).

A indissociável articulação entre língua, enquanto material significativa, e literatura, a que chamamos de um campo do saber, se dá pelo papel que a primeira possui de estruturação, de mediação, de formulação, de qualquer campo do saber que, nessa medida, exhibe nela (língua) a quais injunções político-históricas esteve sujeito. A relação do texto teórico-literário (as chamadas *Histórias da Literatura*), que normalmente apresenta filiações/tendências teórico-políticas para a produção do conhecimento científico, é marcada por um gesto de inscrição do teórico-literário em uma posição-sujeito constituída no interior do duplo *ciência/arte*, em que o saber se estabelece na/pelas formas de representação do poder que se tem/pode acessar para que um determinado conhecimento sobre a língua seja produzido-circulado.

Vemo-nos, então, diante do seguinte questionamento: com quais regiões do saber o sujeito teórico-literato opera na/para construção de seu objeto do conhecimento, materializado na tentativa de sistematização/linearização do objeto da Literatura?

Sob essa compreensão, interrogamos os espaços do poder – do poder-dizer/escrever/teorizar –, historicamente constituídos e autorizados, que o sujeito-literato recorta para produzir um construto teórico que autoriza/letigima sua inscrição no discurso científico sobre a literatura.

Dessa posição-sujeito deriva uma relação instuída pelo funcionamento do *poder/saber*, conforme teorizou Foucault (2013), como próprio das sociedades modernas/capitalistas, em que a produção/circulação do conhecimento científico é organizada por políticas de permanência/interdição de sentidos.

O escritor/literato que, inscrito em outra ordem discursiva, qual seja, a científica, é investido de sentidos que, no texto teórico, redimensionam sua relação com a língua/literatura e o reinserem em um processo contínuo de cientificização do saber literário.

O entremeio entre ciência e literatura produz certos deslocamentos na memória discursiva que conformou a esta última o discurso artístico, visto ser uma região do saber cujos domínios encerram, tanto para o sujeito-leitor quanto para os que a produzem, uma relação com o poético, com o irrealizado, como o verossimilhante, distantes, nesse caso, do saber marcado pelo sistematizado do pragmatismo e da relação empírica entre liguagem/pensamento/mundo.

Com base nessas considerações, propomo-nos à compreensão das injunções que os deslocamentos entre ciência e arte configuram a respeito do modo como o conhecimento é produzido-circulado, reconfigurando, assim, a posição sujeito-literato-teórico e seu objeto do conhecimento, no interior da nova construção de um saber.

Em nosso caso particular, recortamos, da seção que trata da produção da literatura informativa e formativa, sequências discursivas que permitem-nos problematizar essas questões em um texto teórico-literário em específico<sup>1</sup>.

## 1.0 Literatura de (in)formação: *saberes sobre o Brasil*

A colonização do/no Brasil iniciou-se efetivamente em 1530, pois os primeiros trinta anos após o “descobrimento” foram reservados à ocupação e à defesa do território dos possíveis ataques e invasões, sobretudo pelos espanhóis. Assim, a Coroa portuguesa, nesse período, enviava viajantes em expedições de reconhecimentos territoriais e de delimitações/demarcações de fronteiras (período Pré-colonial), a partir das quais produziram-se as primeiras leituras/interpretações sobre o Brasil, configuradas nas formas de Tratados, Constituições, diários de viagens e documentos jurídico-administrativos. Essas primeiras informações levaram o governo português a traçar um plano que

---

<sup>1</sup> Para esse trabalho, selecionamos o texto *História da Literatura Brasileira* (1910), escrito por José Veríssimo Dias de Matos, por considerá-lo como um dos autores/escritores brasileiros que viveu/experimentou, durante a produção desse texto, a transição entre os séculos XIX e XX, momento de histórico marcado por ideais nacionalistas e por tentativa de instituição de uma identidade nacional.

dividiu o processo colonizador em fases: a da exploração (das terras e da mão de obra), a da catequização dos indígenas e a da produção/comercialização de produtos, como o pau Brasil.

Essas leituras do/sobre o Brasil, que foram sustentadas pela produção dos relatos de viajantes, estiveram, em um primeiro momento, ligadas à atividade de exploração e colonização. Mais tardiamente, os registros se dão pela presença de pesquisadores e cientistas, que produziram, pela atividade cartográfica, inventários sobre espécies da fauna e da flora dos espaços brasileiros, e retratos dos costumes, tradições e modos de viver/fazer, como resultado do trabalho de vários artistas europeus.

São inúmeros os textos/documentos que retrataram tanto o processo de ocupação/colonização do território brasileiro quanto o de catequização/conversão, e até mesmo de escolarização, dos indígenas, durante a presença de Portugal no Brasil. Estes documentos históricos, que, anos mais tarde, constituíram o acervo da literatura informativa, assumiram a configuração textual de cartas, relatos/diários de viagem, memorandos, ofícios, requerimentos etc.

Estes textos garantiram, pelas chamadas *literatura de informação* e *literatura de formação* (literatura jesuítica/catequética), um recorte da produção da memória discursiva literária, na qual dizeres, formulados por literatos inscritos como teóricos, atestam, certificam, pelo poder/autorização que o saber científico tem que marcar inícios, meios e fins, o ponto de partida da produção de um campo teórico-literário de investigação.

Historicamente, o discurso sobre a exploração/colonização brasileira foi contemporânea à consolidação do Quinhentismo<sup>2</sup>, período que compreendeu, por volta de 1.530, a produção de textos que retratam os lugares até então “desconhecidos” sob o caráter de fantásticos e edênicos.

---

<sup>2</sup> Momento histórico-literário que organizou, a propósito da conjuntura da colonização portuguesa no Brasil, os primeiros textos escritos sobre o território brasileiro, dentre eles, destacamos a Carta de Caminha e os relatos do jesuíta José de Anchieta. O termo “Quinhentismo” deriva da relação de produção destes textos com os anos seguintes a segunda metade do século XVI, a partir de 1530.

Dessa forma, os textos quinhentistas surgem, no imaginário literário, não só como os primeiros escritos *sobre* o Brasil, mas como *do* Brasil. Tal fato equivale a afirmar que esse imaginário que a literatura teórico-documental construiu, na verdade, está sustentado por um saber que foi legitimado por uma forma de exercício do poder, ou seja, trata-se de um campo do saber, a literatura, que ganha, pela maneira como o discurso científico a atravessa, legitimidade e cientificidade.

Orlandi (2008), ao diferenciar as formas de funcionamento dos *discursos sobre* e *do*, afirma que, enquanto o primeiro é definido como um espaço legitimado a organizar, conduzir e “falar no lugar de” diferentes vozes, através de mecanismos de institucionalização e de direcionamento dos sentidos, o segundo é marcado pelo gesto de interpretação do próprio sujeito em questão, ou seja, uma voz direta, mas afetada por processos históricos, ideológicos e pela ilusão da origem e autenticidade do dizer.

De forma geral, o contato com estes textos nos permite compreender o trabalho desenvolvido, durante cinco séculos, por colonizadores/exploradores, administradores, cronistas, naturalistas, médicos e cientistas, ao longo das trajetórias que buscavam, nas “descobertas” e na cartografia dos elementos naturais, construir leituras que, orientadas por práticas determinadas, se filiaram a diversas regiões do saber. Este trabalho de observação-descrição construiu para nós um veio pelo qual acessamos as possibilidades interpretativas de cada perfil de leitores nas/das viagens.

## 2.0 (Des)vendando formas do poder-dizer no texto literário

Os textos teórico-literários são obras que, além de desenhar o percurso histórico-cronológico das produções literárias de um país, revelam suas condições políticas, sociais e econômicas de surgimento. A crítica literária divide esses textos de acordo com correntes/tendências ou escolas que reúnem obras de autores cujos estilos de escrita ou de questões abordadas se aproximam, se assemelham.

Com efeito, a Literatura tende a acirrar seus (des)limites com as demais ciências sociais, visto ser um campo do saber que, pela prosa ou pelos versos, coloca em questão a forma pela qual os sujeitos instituem relações sociais e culturais, demonstrada pelas caracterizações singulares que as personagens das obras recebem, o que põe em visibilidade (pré)conceitos e estigmas sedimentados em determinada época.

A produção literária destinada a atender à críticas/caracterizações dos traços sociais e políticos de uma época/período coloca o sujeito-literato em uma relação com seu texto atravessada/sustentada por um discurso poético, cujo funcionamento articula-se a uma posição-sujeito marcada pelo atravessamento da discursividade artístico-cultural, que, por sua vez, agencia os sentidos de leitura do texto literário como fruição, prazer, divertimento etc.

Se, por outro lado, considerarmos o modo como o texto teórico-literário encerra relações com seu escritor, observaremos que o saber que regula essa mediação produz deslocamentos em relação a leitura como fruição e coloca em visibilidade outras formas de exercício do poder, representado pela combinação dos significantes, no texto, ou seja, pela maneira com a qual o escritor se relaciona com a língua.

É, pois, pelo modo como as palavras, em suas mais variadas formas de articulação, jogam na incerteza dos sentidos, que o sujeito se revela/despista, se forja, pelo gesto de interpretação que produz, atualizando uma determinada região do saber, autorizado por um poder autorizado, o qual não se exhibe a priori nas formulações do autor, mas permanece em constante latência e irrupção nas brechas da língua(gem).

A seguir, trazemos uma sequência discursiva (SD), retirada do texto de José Veríssimo Dias de Matos, a respeito da produção da literatura brasileira:

**A Literatura que se escreve no Brasil** é já a expressão de um pensamento e sentimento que se não confundem mais com o português, e em forma que, **apesar da comunidade da língua**, não é mais inteiramente portuguesa. A nossa literatura colonial manteve aqui tão viva quanto lhe era possível a tradição

literária portuguesa. Submissa a esta e repetindo-lhe as manifestações, embora sem nenhuma excelência e antes inferiormente, animou-a todavia desde o princípio o nativo sentimento de apego à terra e afeto às suas **cousas**. Ainda sem propósito acabaria este sentimento por determinar manifestações literárias que em estilo diverso do da metrópole viessem a exprimir um gênio nacional que paulatinamente se diferenciava. (MATOS, 1915, p. 05) (Grifos nossos)

Vejamos que o autor reconhece o constante desenvolvimento da literatura brasileira, ainda que de maneira insipiente e pouco distante da produzida por Portugal, naturalizando, assim, os sentidos desse processo marcado pelo gesto de indenpendência política do Brasil.

O que destacamos do/no dizer do escritor, como marcas na formulação, tais como o substantivo “cousas”, próprio da escrita portuguesa arcaica, o advérbio de oposição, em “**apesar** da comunidade da língua”, marcando uma sobredeterminação da língua portuguesa sobre a língua nacional, e a “literatura que se escreve **no** Brasil”, fazendo retornar os sentidos atribuídos à formação da literatura de viajantes portugueses no Brasil, constituindo-lhe (ao autor) uma posição-discursiva marcada por um saber europeu sobre a língua/literatura, legitimado por condições de produção que garantiram a Portugal o predomínio no/do conhecimento das letras e da produção artística.

Essas marcas no dizer do escritor dão visibilidade ao modo pelo qual, apesar da tentativa de apagamento/homogeneidade da posição-sujeito teórico, este sujeito é atravessado pelo o discurso *sobre* o Brasil, cujo saber legitimado se sustenta pelo que a colonização Portuguesa produziu, historicamente, enquanto interdições do/para o sujeito-nacional. É dessa autorização, portanto, que o poder se instala, como um saber autorizado sobre o sujeito/a língua, inscrevendo o literato em um campo teórico que lhe permite produzir-circular um determinado conhecimento.

## Referências

- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Editora Loyola, 2010.  
\_\_\_\_\_. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.



MATOS, José Veríssimo Dias de. **História da literatura brasileira**. Rio (Engenho Novo), v. 1, 1915.

ORLANDI, Eni P. **Terra à vista: discurso do confronto: velho e novo mundo**. Cortez Editora,

2008.

PÊCHEUX, Michel. "Delimitações, inversões, deslocamentos". **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, v. 19, p. 7-24, 1990.